

## **VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: HOMENS ATACAM COM ARMAS EM PUNHO<sup>1</sup>**

## **VIOLENCE IN SCHOOLS: MEN ATTACK WITH GUN IN HAND**

## **VIOLENCIA EN LAS ESCUELAS: HOMBRES ATACAN CON ARMAS EN EL PUÑO**

Márcio de Oliveira<sup>2</sup>  
Reginaldo Peixoto<sup>3</sup>  
Jefferson Araújo do Nascimento<sup>4</sup>  
Erivelto Carlos Freitas Silva<sup>5</sup>

### **Resumo**

O objetivo do presente texto é problematizar a violência ocorrida em escolas no Brasil, a partir do marcador de gênero. Considerando categorias como gênero e violência, pretendemos elucidar o quão crescente são os ataques criminosos às escolas no país, de modo que os homens são o público mais envolvido, inclusive, em crimes graves de homicídios e lesões físicas, desde a década de 2000 até os dias atuais. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, usando como instrumentalização o estudo documental e bibliográfico, com análise qualitativa dos dados. Concluímos que a violência é um fator cultural, presente nos diversos espaços sociais, inclusive, na escola, e traz prejuízos para alunos/as, professores/as, funcionários/as, familiares e toda a sociedade.

**Palavras-chave:** Educação; Estudos de Gênero; Violência Escolar.

---

<sup>1</sup> Este trabalho contou com financiamento e apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), da Pró Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPI/UEMS), do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em educação (PPGEDU/UEMS), do Programa de Pós-Graduação Profissional (PROFEDUC/UEMS) e da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS).

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e na Faculdade Intercultural Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4706-2930>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2808188859997677>. E-mail: [profmarciooliveira@ufam.edu.br](mailto:profmarciooliveira@ufam.edu.br)

<sup>3</sup> Doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Mackenzie. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PGEDU) e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (Profeduc) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Membro do Nudisex/UEM. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7452-7962>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4397425097179971>. E-mail: [reginaldo.peixoto@uems.br](mailto:reginaldo.peixoto@uems.br)

<sup>4</sup> Doutorando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (PPGE/UFAM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0696-2764>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0535311411875073>. E-mail: [jefferson.nascimento@ufam.edu.br](mailto:jefferson.nascimento@ufam.edu.br)

<sup>5</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Professor da rede municipal de Quirinópolis-Go. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-5707-3989>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1339079539749557>. E-mail: [eriveltoeduc@gmail.com](mailto:eriveltoeduc@gmail.com)

**Abstract**

The objective of this text is to problematize the violence that occurs in schools in Brazil, based on the gender marker. Considering categories such as gender and violence, we intend to elucidate how criminal attacks on schools in the country are increasing, so that men are the most involved public, including in serious crimes of homicides and physical injuries, from the 2000s to the current days. This is an exploratory research, using documental and bibliographical study as instrumentation, with qualitative data analysis. We conclude that violence is a cultural factor, present in different social spaces, including at school, and causes harm to students, teachers, employees, family members and society as a whole.

**Keywords:** Education; Gender Studies; School Violence.

**Resumen**

El objetivo de este texto es problematizar la violencia que ocurre en las escuelas de Brasil, a partir del marcador de género. Considerando categorías como género y violencia, pretendemos dilucidar cómo las agresiones criminales a escuelas en el país van en aumento, de manera que los hombres son el público más involucrado, incluso en delitos graves de homicidio y lesiones físicas, desde los años 2000 hasta la actualidad. Se trata de una investigación exploratoria, utilizando como instrumentos el estudio documental y bibliográfico, con análisis de datos cualitativos. Concluimos que la violencia es un factor cultural, presente en diferentes espacios sociales, incluido el escolar, y trae daño a estudiantes, docentes, empleados, familiares y a la sociedad en su conjunto.

**Palabras clave:** Educación; Estudios de Género; Violencia Escolar.

**Introdução**

A violência é um fenômeno mundial que se destaca nos diversos espaços de relações humanas, inclusive na escola. Os dados apresentados neste trabalho demonstram que os homens se apresentam como o grupo mais violento, pois em torno do gênero masculino se naturalizaram a força e a violência.

Sobre violência na escola, inúmeros estudos buscam compreender essa prática, de modo a interpretar as causas e as consequências de tais atos. Podemos citar a pesquisa de Facci (2019, p. 130) que se ocupou em debater “[...] a questão do adoecimento do professor provocado pela violência na escola”, enfatizando, a partir da participação de 31 docentes do Estado do Paraná, que a violência junto com a falta de condições de trabalho é preponderante para esse adoecimento; Silva e Salles (2010, p. 217) fizeram uma caracterização de “[...] propostas de intervenção na escola, implementadas por iniciativa governamental, para prevenir violência e que têm como proposta central o incentivo às relações democráticas na escola”, de modo a concluírem que os programas governamentais precisam se articular com as demandas sociais, buscando problematizar as mais variadas formas de violência, incluindo a desigualdade social; Silva e Assis (2018, p. 01), ao estudarem as formas de prevenção de violência nas escolas, anunciam que é

notável “[...] a necessidade de haver mais estudos que desenvolvam a temática da violência em escolas e que avaliem ações de prevenção e enfrentamento desse fenômeno”.

Junto a isso, inúmeras são as manchetes jornalísticas que apontam ataques às escolas. Tais ataques sempre são organizados e realizados por homens (pessoas do gênero masculino). Podemos citar como exemplo dois casos que ocorreram recentemente (em 2023). O primeiro diz respeito a um adolescente de 13 (treze) anos que invadiu uma escola na zona oeste de São Paulo e esfaqueou um aluno e quatro professores, o caso ocorreu em 27/03/2023 (Porto & Passarelli, 2023); o segundo caso, datado de 05/04/2023, ocorreu em Blumenau (SC) em que um homem de 25 anos invadiu uma creche com uma machadinha e matou quatro crianças com idades entre 04 (quatro) e 07 (sete) anos, sendo que outras quatro crianças ficaram feridas e foram encaminhadas ao hospital (Uol, 2023). Outros casos são detalhados no Quadro 1 deste artigo.

A partir desse cenário, é possível destacar que a escola, assim como outros espaços sociais, vem enfrentando o fenômeno da violência, violência essa causada por homens que possuem alguma relação ou não com ela. Sendo assim, como resolver tal situação? Como enfrentar a violência que adentra às escolas?

Dito isso, enfatizamos que o objetivo do presente texto é problematizar a violência ocorrida em escolas no Brasil a partir do marcador de gênero. Nossas buscas mostram – ao longo da pesquisa – que os crimes envolvendo ataques às escolas desde os anos 2000 têm como principais organizadores e praticantes: os homens.

Nosso estudo se caracteriza como exploratório, pois “[...] proporciona maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil, 2002, p. 26). Junto a isso, trata-se de uma pesquisa qualitativa, por ser “[...] interpretativa, baseada em experiências situacional e humanística” (Stake, 2011, p. 41).

Vale destacar, ainda, que usamos de pesquisa bibliográfica e documental, sendo que a primeira “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituindo principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 46); enquanto a segunda “[...] vale-se de materiais que não recebem um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos de pesquisa” (Gil, 2002, p. 46).

O presente artigo utiliza como pano de fundo os Estudos Culturais, Feministas e de Gênero. Storey (1997) descreve que, por meio da análise da cultura de uma sociedade, é possível reconstruir o seu comportamento padronizado e compreender as ideias e as práticas consumidas e produzidas por seus membros. Os Estudos Feministas e de Gênero, agregando às discussões, auxiliam a dar visibilidade às questões de equidade de gênero, contrariando a vertente do machismo, patriarcado e sexismo (Butler, 2003; Hooks, 2017; Louro, 1997; Saffioti, 2013).

Para atingirmos o objetivo, o texto está dividido em três principais seções, a saber: I. Violência: conceitos, contextos e prejuízos sociais; II. Estudos de Gênero e o currículo escolar: um diálogo urgente; III. Violência, o gênero masculino e os crescentes ataques às escolas brasileiras.

### **Violência: conceitos, contextos e prejuízos sociais**

A história da violência é vasta e complexa, abrangendo muitas épocas, culturas e contextos. O conceito de violência é muito amplo, pois ela faz parte da experiência humana manifestando-se de várias formas, desde os primórdios da humanidade, por meio de conflitos e guerras dos grupos tribais, ou até crimes isolados. A violência foi usada como meio de resolver conflitos, para obter recursos e repelir ameaças. Segundo Pavani (2016, p. 08), “A violência pode ser natural ou artificial. No primeiro caso, ninguém está livre da violência, ela é própria de todos os seres humanos. No segundo caso, a violência é geralmente um excesso de força de uns sobre outros”.

Chauí (2011, p. 01), em seu artigo intitulado “Contra a violência”, define violência como:

1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror.

Posto isso, compreendemos que a história da humanidade é marcada pela violência, desde os grandes impérios da Antiguidade, como o Egito e Roma, que expandiram seus domínios por meio da guerra e da escravização, até o colonialismo e o tráfico de escravizados/as, que perpetuaram a violência contra povos africanos e indígenas até os dias atuais.

A violência no século XX marcou a humanidade com eventos como duas guerras mundiais<sup>6</sup>, genocídios como o Holocausto (1941-1945), e o uso de armas nucleares. Hoje, a violência continua presente em conflitos armados, crimes urbanos, terrorismo e outras formas, atingindo diversas populações, como jovens, mulheres, idosos/as e minorias. As causas são variadas que incluem fatores sociais.

Este trabalho foca na violência escolar, um tema relevante dado o papel da escola como espaço social para crianças e adolescentes. Essa violência, que tem se tornado cada vez mais comum, causa prejuízos aos/as envolvidos/as de forma individual ou coletiva, especialmente entre os/as próprios/as estudantes e adolescentes, na fase de formação de sua identidade.

Conceituar violência escolar não é algo simples de se realizar até mesmo porque o próprio conceito de violência não está nitidamente definido, possibilitando inúmeras interpretações, no entanto a autora Charlot (2002, p. 67) realiza aplicação do conceito ao estabelecer três níveis, sendo eles:

- a. Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- b. Incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- c. Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos.

---

<sup>6</sup> A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi um conflito bélico centrado na Europa; A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi um conflito militar global envolvendo as maiores potências do mundo (Ferraz, 2008).

A autora destaca a dificuldade em definir o conceito de violência escolar, tornando o problema complexo. No entanto, há consenso na literatura especializada sobre a necessidade de prevenir a violência dentro e fora da escola e adotar práticas pedagógicas que auxiliem no combate a essa forma de violação.

Problemas estes que atingiram proporções inéditas, pois até o ano de 2002, no Brasil, não tínhamos registro de um atentado com arma de fogo em uma escola brasileira. Como descrito por Rodrigues (2023, s/p) em sua reportagem apresentada no *site* da Agência Brasil, quando mostra que a partir de um estudo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) acerca de casos de ataques em escolas praticados por alunos/as ou ex-alunos/as, “[...] o primeiro episódio foi registrado em 2002. À época, um adolescente de 17 anos disparou contra duas colegas dentro da sala de aula de uma escola particular de Salvador”.

O fato não ficou isolado, infelizmente, já se repetiram 25 vezes ao longo de 22 anos, com o resultado de 46 mortos/as e 139 feridos/as, dados estes citados pelo repórter Felipe Resk (2023) no *site* Metrôpoles. O ato de agressão em um ambiente escolar abala a credibilidade neste espaço, que no passado inspirava confiança e seguridade. Acreditamos que não é possível mensurar o número de pessoas que, com certeza, lidam com danos emocionais oriundos das experiências trágicas com proporcional tamanho, os prejuízos sociais podem ser diversos. Pinto *et al.* (2017, s/p) dão exemplos de como a violência pode afetar a escola e os/as estudantes:

Desequilibra a ordem no ambiente de ensino, deixando em pânico todos que fazem parte dela, em particular para quem sofre a violência, colocando em risco a sua aprendizagem e a sua permanência na escola. Ou seja, a violência na escola gera problemas de aprendizagem e coloca em risco a permanência da criança na escola e, se a mesma continuar, pode ter uma formação também violenta e que, por certo, vai se refletir na vida futura.

Com o objetivo de melhor compreendermos o conceito e as consequências da violência na escola, podemos considerar o sistema de caracterização dos eventos de violência na escola elaborado por Charlot (2002), que estabelece três formas: violência

na escola, violência da escola, violência contra a escola. Charlot (2002, p. 434) explica que:

Violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e as atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar as contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. Violência da escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas).

A afirmação da autora relacionada aos crescentes casos de agressões e atentados nas escolas brasileiras demonstram a necessidade em se discutir este tema tão relevante, que tristemente tem se naturalizado na sociedade brasileira, com a predominância de jovens (homens) como principais autores das agressões e ataques. Por fatores diversos como: necessidade de *status* e aceitação social, influência dos pares, problemas emocionais e psicológicos, exposição à violência na mídia e outros.

### **Estudos de gênero e o currículo escolar: um diálogo urgente**

A educação é vista como solução para problemas sociais, gerando pressão por respostas rápidas. A Reforma do Ensino Médio, feita sem diálogo com a Educação Básica e pesquisadores/as do Ensino Superior, sendo aprovada “a toque de caixa”, exemplifica isso. No entanto, o Ensino Médio continua sem identidade e incapaz de resolver os problemas que o fragilizam, não proporcionando vantagens para o trabalho, a cidadania ou a educação superior. Silva (1995) já apontava que o currículo prescrito não resolve os problemas da educação e da sociedade atual. Temas como gênero e sexualidade, por exemplo, foram deixados de lado pela educação e pelo currículo.

Ferretti (2018) questiona a concepção de qualidade de educação apresentada na Reforma do Ensino Médio, há um evidente reducionismo, tanto no campo do currículo, como da formação da identidade juvenil que está proposta no texto. A concepção de

jovem brasileiro/a não condiz com a realidade do país, tampouco com a realidade da maioria dos/as jovens trabalhadores/as, ficando, assim, fadada a abstrações mal desenhadas.

Ao concordar com Ferretti (2018), Oliveira (2022) considera o Novo Ensino Médio como uma Reforma de meias verdades, já que esvazia a formação do sujeito crítico e comprometido com a emancipação social. Além das concepções de educação, de identidade e trabalho, há ainda problemas de ordem curriculares, que apresentam itinerários formativos a partir de um maior “suposto” interesse acadêmico. São conteúdos esvaziados que não indicam a solução de problemas observados há décadas.

Ferretti (2018) observa que algumas áreas do conhecimento como a Sociologia e a arte, por exemplo, se apresentam como componentes curriculares não obrigatórios, podendo ser explicitados em outras disciplinas ou em projetos interdisciplinares. Dessa forma ocorre um distanciamento maior de temáticas como gênero e sexualidade, ficando a cargo de quem ministra a disciplina abordar ou não o assunto, o que Santomé (1995) denominou como "currículos turísticos" aqueles que tratam temas de culturas ausentes de forma esporádica e superficial, reforçando estereótipos e limitando o senso de pertencimento. Esses temas são envolvidos apenas em contextos biológicos ou em favor da cultura hegemônica e patriarcal.

Conforme discute Araújo (2022), o termo “gênero”, presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é utilizado 499 vezes, foi banido quando associado à orientação sexual. No entanto, em nenhuma dessas menções, o termo estava diretamente vinculado às preocupações relacionadas à diversidade. Essa exclusão reflete uma postura que parece desconsiderar o papel da educação como promotora de inclusão e diversidade. Embora mencionada sem qualquer ligação explícita às inquietações sobre diversidade, sua eliminação demonstra uma decisão mais ideológica do que pedagógica.

A orientação é de se trabalhe o tema Orientação Sexual como transversal, conforme consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (Brasil, 1997, p.73):

[...] busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o

respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes.

Para Louro (1997), assim como para Peixoto (2013), a discussão sobre gênero transcende a biologia e a genética. A sexualidade é construída social e culturalmente ao longo da vida, moldando as identidades de gênero. Ser homem ou mulher é mais do que uma questão biológica, envolvendo aspectos históricos, sociais e políticos.

Sobre o conceito de gênero, que se desenvolveu ao longo do tempo, inicialmente ligado à gramática, ganhou novo significado no século XX. Passou a designar os aspectos sociais da identidade sexual, em oposição ao 'sexo', que se refere aos aspectos biológicos. Enquanto o 'sexo' se refere às características biológicas, o 'gênero' diz respeito às expectativas e papéis sociais atribuídos socialmente a homens e mulheres (Silva, 2016).

Para Peixoto (2013), gênero é uma categoria política, enquanto o sexo é uma construção biológica. O autor não nega as anatomias dos corpos, mas destaca que elas também são socialmente construídas. Ele enfatiza que os livros didáticos limitam a sexualidade às vidas biológicas/genéticas, o que pode estimular preconceitos. Essa abordagem deixa de lado aspectos mentais, psicológicos, sociais, culturais, históricos e políticos relacionados a gênero e sexualidade.

Sobre a construção a biologia/genética e o gênero, evidenciam que:

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a 'cultura' relevante que 'constrói' o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. *Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino* [grifo nosso] (Butler, 2003, p. 26).

Numa perspectiva educacional e emancipatória, a escola, os/as professores/as e os/as alunos/as precisam aprimorar estudos científicos sobre a temática, para criar identidades salvas de preconceitos, discriminações e manutenção do patriarcado/sexismo/machismo. É preciso desconstruir a ideia de que ser homem e ser

mulher são tradições que demarcam o território humano. Isso mantém os homens ocupando papéis violentos, muitas vezes como estupradores/violentadores sexuais, assassinos, feminicidas etc. Apresentando uma questão que dever ser refletida sob a perspectiva do PCNs, alinhadas às matrizes curriculares da Educação Básica, que direciona as temáticas abordadas pelos/as docentes, nas disciplinas que ministram.

Entretanto estes documentos estão centrados em aspectos da masculinidade e do masculino. Além disso, Silva (2016) evidencia que o currículo atual reflete a epistemologia dominante e é visivelmente masculino, representando uma cosmovisão masculina. Ele valoriza a separação entre sujeito e conhecimento, o domínio, a racionalidade, a ciência, o individualismo e a competição, características que refletem experiências e interesses masculinos. Isso desvaloriza as conexões entre quem conhece e o que é conhecido, além de desconsiderar a função das ligações pessoais, da intuição, do pensamento divergente, das artes, da estética, do comunitarismo e da cooperação - todas ligadas às experiências e interesses femininos.

Uma discussão sobre gênero pautada na cultura dos corpos, nas condutas humanas, pode levar os meninos a serem mais autônomos, a não se enxergarem como fortes, violentos, invencíveis, sem sentimentos ou emoções. A ausência de discussões sobre gênero nas escolas pode justificar as muitas atrocidades que homens jovens e adultos, vêm realizando, inclusive em escolas de várias regiões do país, ceifando vidas de professores/as, alunos/as e funcionários/as de escola.

Com isso, vale enfatizar que ao debater gênero na escola, os/as alunos/as aprendem a valorizar a diversidade e a respeitar as variadas possibilidades de vivências de gênero, combatendo a violência e o machismo. Carvalho (2003, p. 192) já discutia sobre essa masculinidade e a relação com o fracasso e a violência na escola, a autora escreve que as masculinidades fazem parte da trajetória de um grupo significativo dos nossos rapazes, “[...] um caminho que muitas vezes desemboca em atitudes anti-escola, em fracasso escolar, transgressão e, no limite, em violência social”. Desse modo, se tornam urgentes as práticas pedagógicas que envolvem as questões de gênero, com o intuito de educar o corpo discente.

Essa tarefa não é fácil. Como muito bem lembra Carvalho (2003), o desafio que está posto para nós é entrar diretamente no debate sobre masculinidades e apropriar-se dele, estabelecendo uma perspectiva democrática e igualitária, voltada para uma educação que respeite a diversidade e promova o convívio com as diferenças, antes que o assunto caia nas mãos de conservadores/as violentos/as.

A discussão sobre masculinidades nas escolas brasileiras enfrenta um grande desafio: a falta de debates sobre gênero no ambiente escolar. Cabe a nós, pesquisadores/as e docentes, promover essa discussão e mostrar aos/às alunos/as a diversidade de expressões de gênero, combatendo a violência.

Para justificarmos que as violências estão, quase sempre, centralizadas na identidade/gênero masculino, utilizamos o caso de Salvador, capital da Bahia, em que o mapa da ocupação dos presídios revela que os homens praticam, em percentuais bastante consideráveis, mais crimes que mulheres. Inclusive, de cada 3 homens presos, 2 são negros ou pardos (Alencar & Melo, 2020). A violência, além de estar relacionada com a questão de gênero, também comunga com classe social, raça, desemprego, baixa escolarização etc.

Segundo Alencar e Melo (2020), nos presídios da Cidade de Salvador, de acordo com os dados de 2019, os homens são maioria qualificada dos internos, cerca de 4.838 presos. Já as mulheres somam 102 detentas, ou seja, quase 50 vezes menor, quando comparadas com o gênero oposto. Os principais crimes cometidos por esses detentos são tráfico de drogas, roubo, homicídio e latrocínio – que é o roubo seguido de morte.

De acordo com as autoras da reportagem, o sociólogo e mestre em Direitos Humanos, Alberto Batista, atestou que a existência de mais homens do que mulheres na criminalidade, pode ser explicada por comportamentos sociais, conforme completa que “Vivemos em uma sociedade que prepara o homem para ser violento desde a infância. Constantemente usamos expressões como: 'seja homem, vire homem' com nossas crianças, geralmente associadas a comportamentos que reprimem a afetividade” (Alencar & Melo, 2020, s/p.).

A expressão da tirania masculina, da força, da violência, vem motivando diferentes crimes em diversos lugares. No Brasil, temos visto homens adentrando aos

espaços escolares com armas em punho, fazendo vítimas, ferindo pessoas e ceifando vidas. A escola não pode se calar diante de tais atrocidades, pois é espaço de construção e desconstrução de saberes. Para além disso, também exige ambientes mais seguros.

Consideramos que cada sujeito carrega marcas de vivências, como *bullying*, conflitos internos, frustrações afetivas, violências sexuais e perdas. Cada pessoa lida com suas experiências de forma única, e, na escola, essa diversidade se manifesta no cotidiano (Reinholz, 2023). Por isso, a escola deve contribuir para o desenvolvimento dos/as alunos/as, promovendo o respeito e o reconhecimento das diferenças.

Essa contribuição para o desenvolvimento dos/as discentes, na escola, deve aparecer nas práticas pedagógicas cotidianas, no trabalho docente, nas ações da equipe gestora (Furlani, 2011). Isso é possível com atividades que dialoguem com a diversidade humana e a inclusão. É basilar que tais atividades façam com que crianças e adolescentes pensem – constantemente – nas diferenças entre si. Por exemplo, debater sobre a diferença entre os corpos, questões de gênero e sexualidade, diversidade religiosa, raça e etnia etc. – tudo isso precisa estar na pauta do dia a dia, de modo que a equipe escolar consiga alcançar (junto com os/as alunos/as) a construção de saberes sem discriminação, bullying e qualquer outra forma de violência.

Tomando a questão de gênero como pano de fundo, é possível que a escola realize trabalhos voltados para a prática da quebra de estereótipos entre meninos e meninas (Furlani, 2011). A divisão de brinquedos para eles e brinquedos para elas, por exemplo, faz com que tais crianças e adolescentes associem que aquela é a única possibilidade de diversão. Junto a isso, é fundamental que as pessoas parem de designar comportamento de menino e comportamento de menina, colocando-os/as em “caixas”, como se eles deveriam ser agressivos, competitivos, fortes; e elas meigas, passivas, românticas etc. Isso faz com que quando um garoto queira brincar de boneca e uma garota queria jogar bola, possam sofrer preconceito e outras violências.

Com isso, o preconceito, a discriminação e quaisquer tipos de violências, como as de gênero, por exemplo, devem permear o currículo escolar, pois o papel da escola deve se basear em experiências humanas e cotidianas, sendo científicas, sociais e menos excludentes. Isso depende de gestores/as, educadores/as e da comunidade escolar.

Embora desafiante em tempos de discursos políticos e religiosos (Maio, Oliveira & Peixoto, 2020).

Levar para o conteúdo do currículo escolar, em diálogo com o conteúdo de cada disciplina, os problemas que cerceiam a nossa sociedade, pode ser uma forma de compreendê-la, inclusive questioná-la. Os homens são sujeitos mais violentos, está comprovado, mas por que a nossa sociedade segue essa lógica do autoritarismo, da centralização do poder, do infringimento da lei no gênero masculino?

A resolução desses conflitos não é tão simples. A solução não é apenas uma inversão, mas a criação de currículos que reflitam equilibradamente as experiências masculinas e femininas. Idealmente, todos/as deveriam cultivar características atribuídas socialmente a ambos os gêneros. No entanto, algumas qualidades masculinas, por necessidade de controle e domínio, são menos desejáveis que as femininas (Silva, 2016).

É possível investir em diálogos que desconstroem as diferenças entre os papéis sociais. Não queremos que as mulheres sejam mais violentas, porém construir a ideia de que a força, a legitimação do gênero masculino como forte, como o rústico ou o poderoso, tem prejudicado grande parte da população, inclusive os/as escolares.

### **Violência, o gênero masculino e os crescentes ataques às escolas brasileiras**

Muitos estudos abordam a violência escolar com foco na inclusão da diversidade, em aspectos de segregação, preconceito e discriminação. Embora esse tema seja relevante, nosso objetivo é refletir sobre as violências sofridas por alunos/as e ex-alunos/as, que podem tornar a escola alvo de ataques violentos. O sofrimento vivido em um ambiente pode gerar revolta e, em alguns casos, desejos de vingança.

A Unesco (2019) define violência escolar como qualquer ação ou omissão que cause ou possa causar dano à escola, à comunidade escolar ou a seus membros, alunos/as, professores/as e funcionários/as. Esses atos, que podem ser resultados ou não, ocorrem em diversos locais, como salas de aula, pátios, entradas, fora dos muros da escola e, mais recentemente, em ambientes virtuais.

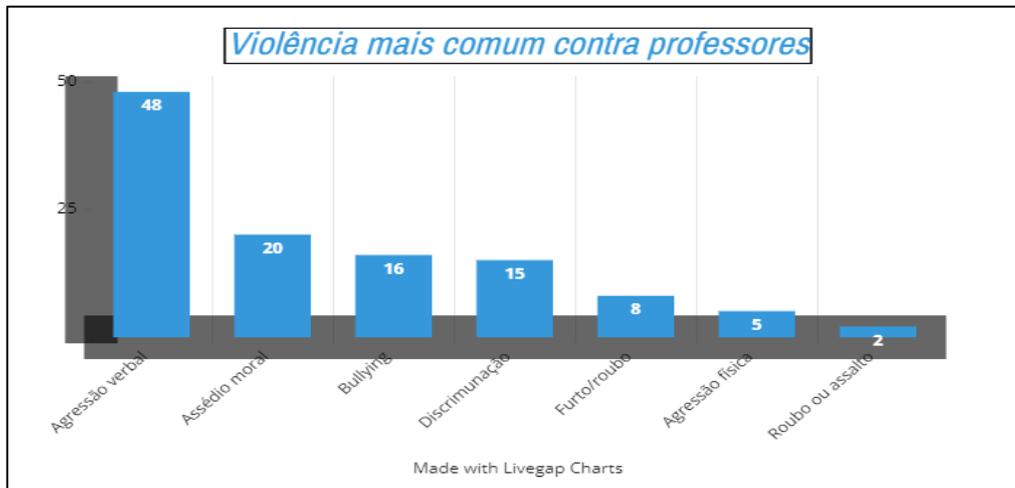
No Brasil, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) acompanha dados sobre a educação e revela que a violência é uma das principais

agressões contra professores/as. Uma reportagem do G1, publicada em 27/03/2023, destacou um ataque em uma escola na região metropolitana de São Paulo, onde um aluno de 13 anos, armado com uma faca, matou uma professora de 71 anos e deixou outras quatro vítimas feridas (G1, 2023).

Segundo a matéria, o Sindicato dos/as Professores/as do Estado de São Paulo (Apeesp) mapeou a violência nas escolas, e uma pesquisa de 2019 revelou que 54% dos/as professores/as já sofreram algum tipo de violência. Em 2017, eram 51% e, três anos antes, 44% (G1, 2023).

Quando o questionamento é sobre as violências mais comuns sofridas pelos/as professores/as, o Sindicato dos/as Professores de São Paulo revelou: agressão verbal (48%), assédio moral (20%), *bullying* (16%), discriminação (15%), furto/roubo (8%), agressão física (5%), e roubo ou assalto à mão armada (2%) (G1, 2023), conforme ilustra a figura 1.

**Figura 1:** Violências sofridas pelos/as professores/as do Estado de São Paulo



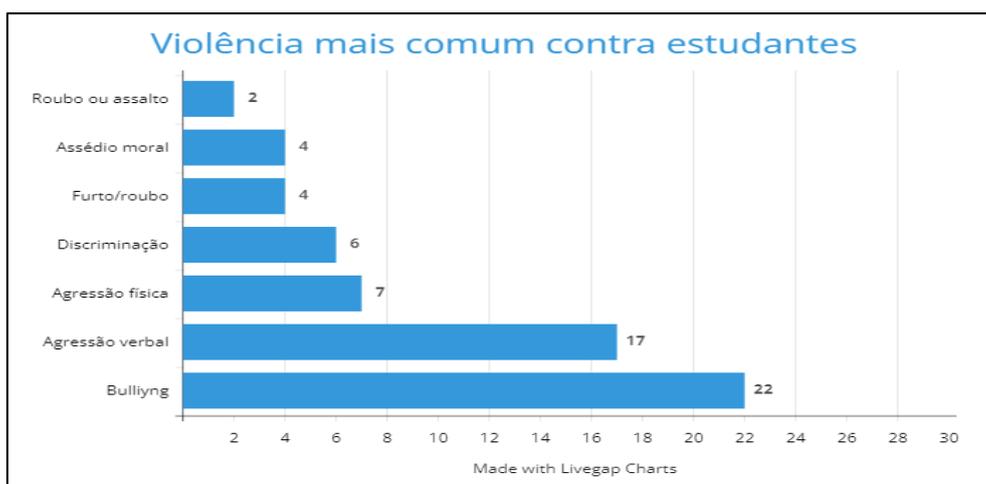
Fonte: elaboração própria (2023).

Os dados mostram que os/as professores/as sofrem diversos tipos de violências, inclusive violências físicas, as quais são mais crescentes. Em relação às experiências vivenciadas pelos/as estudantes, conforme demonstrado: 37% dos/as estudantes relataram

ter sido vítimas de agressão. Em 2017, foram 39% e, em 2014, 28%.

Sobre a violência mais comum contra estudantes, se destacam: *bullying* (22%), agressão verbal (17%), agressão física (7%), discriminação (6%), furto/roubo (4%), assédio moral (4%), e roubo ou assalto à mão armada (2%), conforme ilustra a figura 2:

**Figura 2:** Violência contra estudantes no Estado de São Paulo



Fonte: elaboração própria (2023).

Quando uma pessoa invade uma escola e fere ou mata alguém, os motivos nem sempre são evidentes. No entanto, dos 14 casos destacados pelos *sites* GZH (2023) e G1 (2023) de 2010 até agora, todos os crimes foram cometidos por homens (Anjos, 2003).

Para ilustrar a violência na comunidade educacional brasileira, analisamos as formas de agressão, o número de mortos/as e feridos/as, e o gênero dos/as envolvidos/as de 2010 até hoje. Consideramos que, a partir da metade da década de 2000, as mídias digitais aumentaram a circulação da notícia. Para Peixoto e Oliveira (2021, p. 85), “Nos anos 2000 a *internet* foi aprimorada, permitindo a interação entre os usuários, possibilitando-os a fazerem comentários sobre o conteúdo que consumia. Neste período, surgiram as mídias digitais”.

Em um mundo cada vez mais conectado, as mídias digitais permitem que nos comuniquemos instantaneamente com pessoas do outro lado do planeta, acessemos informações em tempo real e realizemos transações comerciais a qualquer hora e lugar

(Peixoto & Oliveira, 2021).

Os dados do quadro 1 indicam que a violência armada nas escolas é perpetrada por homens, refletindo a naturalização da força, poder e liberdade como atributos masculinos. Assim, eles se tornam os principais agentes da violência em presídios, escolas e famílias, geralmente, são os causadores da violência que assola a sociedade.

**Quadro 1:** Principais ataques a escolas brasileiras - década de 2010 aos dias atuais.

Local da invasão	Ano	Nº de mortes	Nº de Feridos/as	Tipo de arma	Responsável pelo ataque
São Caetano do Sul- SP	2011	2	-	Arma de fogo	Criança de 10 anos (masculino - aluno)
Realengo - RJ	2011	13	-	Arma de fogo	Homem de 23 anos (ex-aluno)
João Pessoa - PB	2012	-	3	Arma de fogo	Jovem de idade não identificada (masculino)
Goiânia- GO	2017	2	4	Arma de fogo	Adolescente de 14 anos (masculino - aluno)
Medianeira -PR	2018	-	2	Arma de fogo	Adolescente de 15 anos (masculino)
Suzano- SP	2019	10	11	Arma de fogo	Homem de 25 anos e Adolescente de 17 anos (masculino-ex-alunos)
Saudades- SC	2021	5	-	Facão	Homem de 18 anos
Barreiras- BA	2022	1	-	Arma de fogo	Adolescente de 14 anos
Aracruz- ES	2022	4	13	Arma de fogo	Adolescente de 16 anos (masculino)
Sobral- CE	2022	1	2	Arma de fogo	Adolescente de 15 anos (masculino)

Ipaussu- SP	2022	-	2	Faca	Homem de 22 anos (ex-aluno)
Morro do Chapéu-BA	2022	-	1	Fogo e Faca	Adolescente de 13 anos (masculino)
Sao Paulo- SP	2023	1	5	Faca	Adolescente de 13 anos (masculino- aluno)
Blumenau- SC	2023	4	5	Machadinha	Homem de 25 anos
Cambé- PR	2023	2	-	Arma de fogo	Homem de 21 anos (ex-aluno)

Fonte: elaboração própria (2023).

O último ataque registrado no quadro acima refutou o pronunciamento de muitas autoridades, sobre a violência e o ódio que têm adentrado às escolas, levado por homens, o que têm se refletido em grandes consequências tanto para as escolas, quanto para os/as familiares dos/as alunos/as e professores/as atingidos/as, assim como para toda a sociedade.

Especialistas são unânimes em suas considerações acerca das motivações de tantos ataques: raiva e vingança. Em sua maioria, os agressores são: homens, brancos, racistas, misóginos, homofóbicos e extremistas que participam de grupos de ódio facilmente acessíveis no espaço virtual (Peixoto, 2013).

Em nota em redes sociais, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) expressou, em junho de 2023, sentimento de pesar e a necessidade de construir caminhos para a resolução desse tipo de violência, conforme demonstra a figura 3:

**Figura 3:** Pronunciamento do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.



Fonte: Poder360 (2023).

Após um período em que tivemos um governo que demonstrou pouca atenção às diversas formas de violência em nosso país (Jair Bolsonaro – Partido Liberal), este *tweet* com milhares de visualizações como mostra a imagem, evidencia a preocupação da autoridade máxima do Brasil com os episódios de violência escolar. O texto destaca a cidade e o estado onde o incidente ocorreu, incentivando as autoridades locais a intensificarem seus esforços na região em parceria com o Governo Federal. Essa iniciativa ressalta a importância de uma abordagem conjunta e dá visibilidade ao comprometimento das autoridades em prevenir e combater casos semelhantes, além de chamar atenção de toda sociedade para essa problemática.

Apesar de que a manifestação em notas de autoridades como o Presidente da República, em mídias sociais, não reduzirem o dano da violência, pode ser percebida como uma preocupação, que é de interesse do Estado Democrático de Direito. O posicionamento de Lula, enquanto chefe do poder executivo, pode servir como apoio e conforto a professores/as, alunos/as, escola e toda a comunidade. Porém, precisa ser revestido de políticas públicas que caminhem na direção da sua fala.

Na esfera psicológica, ressaltamos os estudos do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA), a sociopatia e a psicopatia. Eles evidenciam uma tendência maior desses transtornos na população masculina. E que, mulheres com TPA pouco tendem à violência de forma física. Podemos encontrar uma exemplificação desse contexto também

em lares violentos. Comumente, os pais abusivos agredem fisicamente enquanto as mães agredem psicologicamente. Esses estudos sugerem que o TPA pode ter influência não só da genética, mas também dos ambientes de criação e de formação dos indivíduos (Sonsin, 2019).

De forma geral, a pergunta é: como se forma a masculinidade, como se faz do homem um homem? De forma mais importante pergunta-se: como a formação da masculinidade está ligada à posição privilegiada de poder que os homens detêm na sociedade? Ou ainda: como certas características sociais, que podem ser vistas como indesejáveis do ponto de vista de uma sociedade justa e igualitária, como a violência e os impulsos de domínio e controle, estão ligadas à formação da masculinidade? Em termos curriculares, pode-se perguntar: como o currículo está implicado na formação dessa masculinidade? Que conexões existem entre as formas como o currículo produz e reproduz essa masculinidade e as formas de violência, controle e domínio que caracterizam o mundo social mais amplo? Esse tipo de investigação mostra que *as questões de gênero têm implicações que não são apenas epistemológicas: elas têm a ver com problemas e preocupações que são vitais para o mundo e a época em que vivemos* [grifo nosso] (Silva, 2016, p. 95-96).

Sabemos que grandes crimes em espaços escolares foram cometidos por homens, que, de arma em punho, continuam a fazer tantas vítimas. Sendo assim, consideramos que se o gênero não vai à escola por meio do currículo e das práticas pedagógicas, vai com armas em punho, nos papéis sociais e identidades masculinas.

Em face disso, o currículo, as formações continuadas, as ações diárias, como as leituras, produções, precisam contemplar mais a fundo os papéis sociais e suas construções, uma vez que muitas vezes invisibilizadas, as violências e as diferenças entre os gêneros vão marcando território e transformando a sociedade em vítima daquilo que ela mesma produz e constrói, dentro e fora das escolas.

### **Considerações finais**

Foi objetivo do presente texto problematizar a violência ocorrida em escolas no Brasil, a partir do marcador de gênero. Conforme os dados apontados, os ataques ocorridos nas instituições escolares foram praticados, em sua totalidade, por homens, sejam adolescentes ou adultos. Com isso, as questões de gênero ficam visíveis e precisam ser levadas em consideração no processo educativo.

Cultural, política e historicamente vivemos em uma sociedade machista e sexista, de modo que desde pequenos/as são ensinados comportamentos diferenciados para meninos e meninas. Essa educação dualista contribui para que os meninos cresçam com hábitos mais agressivos e violentos. Ações essas que podem levar a práticas violentas como, por exemplo, o ataque às escolas no Brasil. Portanto, é significativo que o processo educativo seja arquitetado a partir de ações pedagógicas do reconhecimento das diferenças e da equidade de gênero (Oliveira, Peixoto & Maio, 2018), buscando ensinar formas de resolução de conflitos que não sejam por meio da violência.

É sabido que o papel da escola é de competência pedagógica, de ensinar os diversos saberes necessários para a vida em sociedade, mas que nem sempre são tratados por outras instituições, como a família e a igreja (Peixoto, 2013).

Assuntos como gênero e sexualidades vêm sendo ocultados dos currículos escolares, em detrimento de ideologias religiosas e políticas neoconservadoras. De nada resolvem tais ideologias, porém, demonstram o crescimento das diferenças, da violência que assola a sociedade e coloca a escola como alvo dela. Muitas vezes de forma naturalizada.

Os papéis apregoados ao gênero masculino levam tais sujeitos a se sentirem mais fortes, invencíveis, mais poderosos. Isso coloca-os à frente da criminalidade, ocupando grandes patamares, quando considerados os envolvimento de mulheres em ações próximas ou iguais, como a invasão de escolas, assassinatos de alunos/as, professores/as etc.

Dado o papel da escola e sua competência, é urgente a retomada das questões de gênero, de modo a estabelecer a igualdade entre homens e mulheres. É preciso desnaturalizar o poder e a força física que culturalmente se construiu e continua construindo em torno do gênero masculino.

O gênero masculino tem se empenhado nas armas e adentrado às escolas, fazendo vítimas, deixando marcas históricas e prejuízos para toda a sociedade. Por isso, tanto a escola, quanto outras instituições devem empoderar as crianças e os/as jovens, principalmente, de conhecimentos que tornem a nossa sociedade mais justa, mais humanitária e menos violenta.

## Referências

- Alencar, I., & Melo, M. (2020). N° de homens encarcerados é quase 50 vezes maior do que o de mulheres em presídios de Salvador. *GI*. <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/01/06/no-de-homens-encarcerados-e-quase-50-vezes-maior-do-que-o-de-mulheres-em-presidios-de-salvador-veja-perfil.ghtml>.
- Anjos, E. E. D. (2003). A banalização da violência e a contemporaneidade. In T. Camacho (Org.), *Ensaio sobre violência* (pp. 61-82). EDUFES.
- Araújo, L. C. M. de. (2022). Gênero e sexualidade na BNCC: possibilidades para implementação da disciplina educação para sexualidade na educação básica. *Revista Interinstitucional Artes De Educar*, 8(1), 263–286. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/65331/41374>
- Brasil. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.
- Carvalho, M. P. D. (2003). Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. *Educação e Pesquisa*, 29(01), 185-193.
- Charlot, B. (2002). A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, (4), 432-443.
- Chauí, M. (2011). Contra a Violência. *TJCE*. <https://esmec.tjce.jus.br/wp-content/uploads/2011/06/contra-a-violencia-marilena-chaui.doc>
- Facci, M. G. D. (2019). O adoecimento do professor frente à violência na escola. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31(2), 130-142.
- Ferraz, F. C. A. (2008). As guerras mundiais e seus veteranos: uma abordagem comparativa. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 28 (56), pp. 463-486. <https://www.scielo.br/j/rbh/a/Rr3TS34hfnv5Bw7fbtRpCns/?format=pdf&lang=pt>
- Ferreti, C. J. (2018). A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. *Estudos Avançados*, 32 (93), p. 25-42. <https://www.scielo.br/j/ea/a/RKF694QXnBFGgJ78s8Pmp5x/?format=pdf&lang=pt>
- Furlani, J. (2011). *Educação sexual na sala de aula - Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte, Autêntica.

- G1. (2023). Brasil tem histórico de alto índice de violência escolar. *G1*. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/03/27/brasil-tem-historico-de-alto-indice-de-violencia-escolar-veja-dados-sobre-agressao-contra-professores.ghtml>
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- GZH. (2023). Brasil teve 24 ataques em escolas nos últimos 22 anos. *GZH*. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2023/04/brasil-teve-24-ataques-em-escolas-nos-ultimos-22-anos-clg3s8i2u001g016fdio9vh7g.html>.
- hooks, b. (2017). *Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Maio, E. R.; Oliveira, M. & Peixoto, R. Discussão sobre gênero nas escolas Ações e resistências. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 14, n. 28, p. 57-74, jan./abr. 2020. <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/download/1083/pdf/3798>.
- Oliveira, M; Peixoto, R; Maio, E. (2018) A educação enquanto promotora de uma cultura de paz: o foco nas questões de gênero e sexualidade. *Revista Amazônida*, Manaus, 3 (2), pp. 27-39.
- Oliveira, R. (2022). As meias verdades da reforma do ensino médio. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 63, p. 1-18. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/eccos/n63/1983-9278-eccos-63-e22808.pdf>
- Pavani, J. (2016). *Conceitos e formas de violência*. In: Modena, Maura Regina. *Conceitos e Formas de Violência*. Caxias do Sul: Educus, pp. 08-20.
- Peixoto, R. (2013). *Bullying e homofobia na escola: implicações pedagógicas na percepção de alunos/as e professores/as do Ensino Médio*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Maringá.
- Peixoto, R. & Oliveira, E. L. M. S. (2021). As mídias digitais no contexto da sociedade contemporânea: influências na educação escolar. *Revista Docência e Cibercultura*, Rio de Janeiro, 05 (01), pp. 80-96.
- Pinto, A. M., Bezerra, F. D. A. P., & Morais, R. T. (2017). A violência na escola e as consequências para a aprendizagem da criança. *Recanto das Letras*. <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/5885599>
- Poder 360. (2023). Atirador de ataque em escola do PR é encontrado morto na prisão. *Poder 360*. <https://www.poder360.com.br/brasil/atirador-de-ataque-em-escola-do-pr-e-encontrado-morto-na-prisao/>
- Porto, R., & Passarelli, V. (2023). Adolescente invade escola em SP e esfaqueia professores e aluno. *Metrópoles*. <https://www.metropoles.com/sao-paulo/adolescente-invade-escola-em-sp-e-esfaqueia-professores-e-aluno>

- Reinholz, F. (2023). Especialistas relacionam armamentismo, discurso de ódio e bullying aos ataques nas escolas. *Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2023/04/20/especialistas-relacionam-armamentismo-discurso-de-odio-e-bullying-aos-ataques-nas-escolas>
- Resk, F. (2023). Ataques a escolas: Brasil soma 25 atentados e 46 mortes em 22 anos. *Metrópoles*. <https://www.metropoles.com/sao-paulo/policia-sp/ataques-a-escolas-brasil-soma-25-atentados-e-46-mortes-em-22-anos>
- Rodrigues, L. (2023). Crescem casos de ataques em escolas: especialistas dizem o que fazer. *Agência Brasil*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/crescem-casos-de-ataques-em-escolas-especialistas-dizem-o-que-fazer#:~:text=Ataques%20pelo%20pa%C3%ADs,uma%20escola%20particular%20de%20Salvador>
- Saffioti, H. (2013). *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular.
- Santomé, J. T. (1995). As culturas negadas e silenciadas no currículo. In T. T. Silva, Tomaz (Org.), *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação* (pp. 159-177). Petrópolis/RJ: Vozes.
- Silva, T. T. D. (1995). Currículo e identidade social: territórios contestados. In T. T. D. Silva (Org.), *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação* (pp. 190-207). Petrópolis/RJ: Vozes.
- Silva, T. T. D. (2016). As relações de gênero e a pedagogia feminista. In T. T. D. Silva (Org.), *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo* (pp. 91-97). São Paulo: Autêntica.
- Silva, F. R. D., & Assis, S. G. (2018). Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*, 44, e157305.
- Silva, J. M. A. D. P., & Salles, L. M. (2010). A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Educar em Revista*, (2), 217-232.
- Sonsin, Juliana. *Na mente dos psicopatas e sociopatas: Entenda o que é o transtorno de personalidade antissocial!* [S. l.], 23 set. 2019. <https://www.telavita.com.br/blog/transtorno-de-personalidade-antissocial/>
- Stake, R. (2011). *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso.
- Storey, J. (1997). *An Introduction to Cultural Theory and Popular Culture*. Prentice Hall/Harvest Wheatsheaf.
- Unesco. (2019). Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial. *Unesco*. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092>
- Uol. (2023) Homem de 25 anos invade creche com machadinha para matar crianças. *Uol*. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/05/homem-de-25-anos-invade-creche-com-machadinha-para-matar-criancas.htm>

Recebido: 05/12/2024

Aceito: 13/01/2025

Publicado: 20/06/2025

**NOTA:**

Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.